

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Nair Castro Soares
Margarida Miranda
Carlota Miranda Urbano
(Coord.)

HOMO ELOQVENS HOMO POLITICVS

A RETÓRICA E A CONSTRUÇÃO DA
CIDADE NA IDADE MÉDIA
E NO RENASCIMENTO



A HISTÓRIA *OPVS ORATORIVM* E
“ESPERTADOR DO ENTENDIMENTO”

Nair de Nazaré Castro Soares

A preocupação prioritária da história é estudar o homem, os seus desafios, contestações, convergências, resolver a dialéctica vertical específica de cada época, apesar dos elementos epistemológicos que se interpenetram e se dimensionam em variadíssimas interpretações¹.

Reflectir sobre o papel e o significado da história no humanismo renascentista, período em que a *dignitas hominis* constitui um vector central do pensamento, é clarificar as raízes do próprio movimento humanista. Walter Ullmann atribui mesmo ao interesse pela história antiga, pela vida das grandes figuras, o desabrochar do humanismo². Os feitos ilustres dos homens do passado, as suas instituições, o seu direito, os seus valores, a sua língua, na riqueza e pureza originais, vão ser objecto de reflexão nova.

O despertar da curiosidade histórica, que envolve não só a valorização da biografia das grandes personalidades do passado, mas o diálogo que o presente com elas estabelece, exprime-se tanto nas considerações tecidas nos prefácios a traduções de obras dos historiadores da Antiguidade, como em obras históricas originais. Manifesta-se nas reflexões sobre a utilidade da história, que abundam na epistolografia humanista e nos tratados

¹ Mattoso 1988.

² Ullmann 1977: 219.

de retórica da época; em obras que se debruçam, por inspiração de Aristóteles, sobre a natureza da história, na sua relação com a poesia, como é o caso do diálogo retórico, *Actius*, sobre a arte e o estilo em prosa e em verso, do humanista da corte aragonesa de Nápoles, Giovanni Pontano; em tratados que se pronunciam, à semelhança do opúsculo de Luciano de Samósata, *De conscribenda historia*, sobre a arte de escrever história.

Papel decisivo nesta abertura franca para um mundo novo – o mundo da história e da cultura clássica³ – têm as traduções elaboradas a partir dos originais gregos e latinos, no *Quattrocento* italiano. Muitas delas, que se empreenderam sob a égide do Papa Nicolau V, o fundador da Biblioteca Vaticana, estão na base de muitas outras que se fizeram em língua vulgar.

Todo um conhecimento de prosadores, em que têm papel de relevo historiadores como Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Demóstenes, Políbio e autores de biografias e de tratados que sintetizam o pensamento filosófico da época helenística, como Diógenes Laércio e Plutarco, era comum entre os homens cultos do Renascimento, quer soubessem lê-los no original grego, ou apenas nas traduções latinas⁴.

A divulgação de obras de literatura latina, dos tratados morais e de retórica de Cícero, das tragédias e tratados de filosofia moral de Séneca, das histórias de

³ Conhecida é a predileção de Petrarca pela história, que o levou a procurar zelosamente manuscritos de Tito Lívio e Plínio, sobretudo, vide Nollac 1965: vol. II, cap. VI “Pétrarque et les historiens romains”.

⁴ Vide Kristeller 1979: 21-22; Burke 1992: 171-193.